

A voz de outrem no gênero jornalístico *notícia* em revistas *online*

The voice of others in *news report* discourse genre on *online* magazines

Rodrigo Acosta Pereira*
Maria da Guia Araújo**

RESUMO: A presente pesquisa visa a apresentar uma análise descritivo-interpretativista da introdução e (re)acentuação do enunciado de outrem no gênero notícia publicado em revistas *online*. Para tanto, sob o escopo teórico-metodológico do Círculo de Bakhtin e das pesquisas contemporâneas no campo da Análise Dialógica de Discurso, selecionamos quinze (15) textos-enunciados do gênero notícia publicados em três revistas em suas versões *online*. Os dados demonstram que a reenunciação do discurso do outro não apenas corrobora a aceção de que todo o objeto tematizado no gênero engendra-se em uma atmosfera refratada de enunciados alheios, como, por conseguinte, a concepção do discurso tem de seu objeto temático é sempre de ordem dialógica e avaliativa.

PALAVRAS-CHAVES: Gênero notícia *online*. Reenunciação. Dialogismo. Valoração.

ABSTRACT: The paper aims at presenting a descriptive and interpretativista analysis of the introduction and the (re)evaluation of the other's utterance on the news report discourse genre on *online* magazine. To do so, based on the Bakhtin's Circle theoretical and methodological presuppositions as well as the contemporary researches from Dialogical Discourse Analysis, we selected fifteen (15) utterances of the news report discourse genre published in three online magazines. The data demonstrate that the introduction of the other's discourse not only reinforce the acceptance that every object in the genre engenders throughout a refracted atmosphere of others utterances, but also confirm the idea that the object of a discourse is always dialogical and evaluative.

KEYWORDS: Online news report discourse genre. Reintroduction. Dialogism. Evaluation.

Introdução

Diversas perspectivas epistemológicas atuais em Linguística e Linguística Aplicada têm desenvolvido diferentes estudos em torno dos gêneros do

* Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

** Graduada em Letras. Especialista em Ensino e Aprendizagem.

discurso: a sociossemiótica, a sociorretórica e o interacionista-sociodiscursivo, a sócio-histórica-dialógica, por exemplo (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2009). Dentre essas pesquisas, baseamos o presente estudo sobre a reenunção de voz de outrem no gênero notícia em revistas *online* na perspectiva dialógica dos escritos do Círculo de Bakhtin e nas investigações de seus interlocutores contemporâneos, no campo da Análise Dialógica de Discurso (BRAIT, 2006).

Para tanto, o trabalho está organizado da seguinte forma: seções preliminares nas quais apresentamos os pressupostos teóricos desta investigação; seção posterior, na qual delineamos nosso percurso metodológico; seção final, na qual contemplamos os resultados obtidos durante este estudo; por fim, introduzimos nossas considerações finais.

As relações dialógicas: o *encontro* entre enunciados

O dialogismo é um dos vários conceitos centrais na obra do Círculo de Bakhtin. O dialogismo é um fenômeno próprio a toda enunciação, engendrado a uma orientação natural, viva e tensa com o discurso de outrem. Como postula Bakhtin (1998 [1975]),

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível [...]. (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 88).

Em consonância com a explicação acima, compreendemos que o dialogismo se realiza no escopo extralinguístico da interação verbal (espaço social) no qual se constituem as relações intersubjetivas do *eu* com o *outro*. Nesse caso, a alteridade enquanto relações interpessoais que se concretiza entre sujeitos sociais é um princípio estruturador do dialogismo. Além disso,

As relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra isolada, que se chocam dialogicamente duas vozes. [...]. Por outro lado, [...] são possíveis entre os estilos de linguagem, os dialetos sociais [...], desde que eles sejam entendidos com certas posições semânticas [...]. Por último, as relações dialógicas são possíveis também com a própria enunciação como um todo [...]. (BAKHTIN, 2008 [1963], p. 211).

As três possibilidades de concretização das relações dialógicas delineadas por Bakhtin acima nos direcionam a considerar que, as relações sociais são também relações semântico-valorativas as quais se realizam por meio do discurso entre duas ou mais vozes que se entrecruzam ideologicamente na materialidade concreta dos enunciados, expressando sempre uma posição avaliativa frente a um objeto e a um projeto discursivos. Por essa questão, o dialogismo entendido como funcionamento real da língua em uso que se realiza no ato da comunicação verbal dos sujeitos socialmente situados é constitutivo das relações de sentidos entre dois enunciados concretos.

Diante disso, de acordo com Bakhtin (2003 [1979], p. 323), as relações dialógicas são de índole específica e, por isso, não podem ser reduzidas a relações meramente lógicas (ainda que dialéticas) nem meramente linguísticas (sintático-composicionais). Segundo o autor, elas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso. Em outras palavras, Bakhtin explica que as relações dialógicas pressupõem a *língua viva* (a língua vista como discurso) e, portanto, não podem existir no sistema da língua. Com isso, considera que as relações dialógicas são relações semânticas entre toda a espécie de enunciados na comunicação discursiva, e assim dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido acabam sempre em relação dialógica (BAKHTIN, 2008 [1963]).

A partir disso, entendemos, sob o viés bakhtiniano, que só podem entrar em relações dialógicas a língua no escopo da interação discursivo-enunciativa à medida que esta se encontra totalmente impregnada de relações semântico-valorativas podendo permear visões de mundo, pontos de vista, estilos de linguagem, vozes sociais, dialetos, dentre outros, como vimos anteriormente. Assim, o dialogismo entendido enquanto relações de sentidos que se

engendram entre dois enunciados concretos são essencialmente valorativos (axiológicos/avaliativos¹). Questão que tratamos na seção a seguir.

A avaliação social: os *índices sociais de valor* dos enunciados

Dada a real e significativa compreensão da língua enquanto fenômeno integral concreto (BAKHTIN, 2008 [1963]) e sob o panorama discursivo-dialógico, cabe registrar considerações sobre a valoração² uma vez que os discursos são sempre marcados pela entonação expressiva (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 290) de uma dada ideologia³. Nesse sentido,

Não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social. É por isso que todos os índices de valor com características ideológicas, ainda que realizados pela voz dos indivíduos (por exemplo, na palavra) ou, de modo mais geral, por um organismo individual, constituem índices sociais de valor, com pretensões ao consenso social, e apenas em nome deste consenso é que eles se exteriorizam no material ideológico (BAKHTIN (VOLOCHINOV), 2006 [1929], p. 44).

Haja vista a constatação acima, confirmamos que, no ato da interação verbal, pronunciamos unidades de sentidos que se encontram repletas de posições valorativas, pois “apenas os elementos abstratos considerados no sistema da língua [...] se apresentam destituídos de qualquer valor apreciativo” (BAKHTIN (VOLOCHINOV), 2006 [1929], p. 138). Em outras palavras, em virtude de não apresentarem qualquer tom valorativo, os elementos constitutivos da língua enquanto sistema não apresentam nenhuma relação com o fenômeno da ideologia, pois esta só é possível na materialidade concreta do enunciado-discurso constitutivo da vida social. Medviédev (2012 [1928], p.

¹ Dado o fluxo terminológico nos escritos do Círculo (RODRIGUES, 2005).

² Ver discussão de Acosta-Pereira; Rodrigues (2014) sobre o conceito de *valoração* nos escritos do Círculo.

³ Discussão empreendida na próxima seção.

185) pontua que “a avaliação social determina todos os aspectos do enunciado, penetrando-o por inteiro [...].” E ainda reitera,

No enunciado, cada elemento da língua tomado como material obedece às exigências da avaliação social. [...] A palavra torna-se um material do enunciado apenas como expressão da avaliação social. Por isso, a palavra entra no enunciado não a partir do dicionário, mas a partir da vida, passando de um enunciado a outros.

[...] para todo o falante, a língua é um sistema de avaliações sociais. [...] As possibilidades de uma língua tornam-se realidade somente por meio da avaliação. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 185-187).

Além disso, Bakhtin (1998 [1975], p. 81) explica que, ao contemplarmos o estudo da língua circunscrita em um panorama enunciativo-discursivo, é importante tomá-la não como objeto de estudo da linguística baseada num sistema de categorias gramaticais abstratas, mas a língua *ideologicamente saturada*, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante o *maximum* de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica. À luz dessa questão, entendemos que a língua em uso por materializar-se no discurso encontra-se permeada por valores sócio-históricos e ideológicos sendo, por esta razão, a linguagem o material da ideologia.

Em relação às relações dialógicas estarem permeadas por posições axiológicas diversas, Bakhtin (BAKHTIN, 2008 [1963], p. 223) explica que o nosso discurso está cheio de palavras de outros e com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas. Nesse sentido, trata-se de um discurso o qual sempre traz marcas do discurso do outro que citamos, criticamos, ironizamos, concordamos, discordamos, avaliamos, dentre outros, e assim, reenunciamos palavras *já ditas* que são legitimadas socialmente nas relações intersubjetivas e, por isso, se tornam revaloradas. Assim “essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos.” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 295).

Além disso, a ideologia apresenta uma grande relação com os signos constituídos de valores sócio-históricos e ideológicos os quais refletem uma realidade e refratam outra. Dito de outra forma, os signos por serem ideologicamente valorados nas situações interativas refletem e refratam o real podendo “distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc.

A postulação acerca da reflexão e refração dos signos nos direciona a discutir sobre as forças de estratificação social da língua sob o escopo dialógico-enunciativo e valorativo: as forças centrípetas que corresponde à unificação hegemônica e as forças centrífugas que é a desunificação heterogênea da língua com vistas no plurilinguismo social e histórico, ambas resultantes da plurivocalização. Segundo Bakhtin (1998 [1975], p. 82),

Cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas. Os processos de centralização e descentralização, da unificação e de desunificação cruzam-se nesta enunciação, e ela basta não apenas à língua, como sua encarnação discursiva individualizada, mas também ao plurilinguismo, tornando-se seu participante ativo. [...] Cada enunciação que participa de uma “língua única” (das forças centrípetas e das tendências) pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilinguismo social e histórico (às forças centrífugas e estratificadoras). (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 82).

Todo signo está sujeito aos critérios de *avaliação* ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). “O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos” (BAKHTIN (VOLOCHINOV), 2006 [1929], p. 30), e assim, um não pode existir sem o outro. Portanto, acerca da ideologia, tratamos na seção a seguir.

A ideologia: os modos sociais de compreender e apreender a realidade no enunciado

Bakhtin (1998 [1975]; 2003 [1979]; (VOLOCHÍNOV) 2006 [1929]) entende que há uma relação intrínseca entre ideologia e linguagem; a ideologia

se materializa na linguagem, *toda ideologia é semioticamente construída*. “Em outros termos, tudo o que é ideológico é um signo. *Sem signos não existe ideologia*.” (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006 [1929], p. 31). Dessa forma, o signo é sempre ideológico e construídos histórico-culturalmente nas diferentes situações e relações sociais.

O signo ideológico é um fenômeno extralinguístico, e só pode aparecer em terreno do interindividual. Como afirma Bakhtin (Volochínov) (2006 [1929]), o lugar verdadeiro do ideológico é o material social de signos criados nas relações entre os homens.

A especificidade do signo ideológico reside no fato de que ele se constitui entre sujeitos, tecido em suas diferentes relações interpessoais. “A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. [...] É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos.” (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006 [1929], p. 36). Com isso, para Bakhtin (Volochínov) (2006 [1929], p. 46), “não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social.” Além disso, para o autor, tudo o que é ideológico possui valor semiótico.

O aspecto semiótico de todo fenômeno ideológico e da mediação nas diversas situações de interação social se constroem efetivamente no uso da linguagem. Nesse uso, Bakhtin entende a palavra como signo privilegiado. Para o autor, a palavra não é apenas um fenômeno ideológico por excelência (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006 [1929]), como também “é o modo mais puro e sensível de relação social.” (p. 36). Para o autor, “[...] a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a excepcional nitidez de sua estrutura semiótica já deveriam nos fornecer razões suficientes para colocarmos a palavra em primeiro plano no estudo das ideologias.” (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006 [1929], p. 36).

Além disso, Bakhtin ressalta, a esse respeito, que a palavra não é apenas o signo mais puro, mas também um signo neutro. O autor nos esclarece que, no domínio da ideologia, cada campo tem seu próprio material ideológico, formulando signos que lhe são próprios e que não são aplicáveis a outros domínios. Assim, o signo é criado por um domínio ideológico preciso, “a

palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa.” (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006 [1929], p. 37).

Como já dito, para Bakhtin, o material privilegiado da comunicação é a palavra, porém é preciso entender que a palavra penetra em todas as relações interindividuais e, dessa forma, deve ser entendida à luz das diferentes possibilidades e orientações ideológicas possíveis. As palavras podem estar centradas sobre a vida cotidiana e, por conseguinte, às ideologias do cotidiano, ou sobre os sistemas formalizados, e, dessa vez, ligadas aos sistemas ideológicos constituídos.

Como já discutido no presente estudo, as ideologias centradas sobre a vida cotidiana correspondem às atividades não fixadas em sistemas. Estas estão em contato direto com as ideologias formalizadas, porém são mais móveis e sensíveis, indicando e repercutindo as diferentes mudanças sociais de forma mais rápida do que as ideologias de sistemas constituídos.

Os sistemas ideológicos constituídos, por sua vez, como a ciência, a arte, a religião, o jornalismo, são produtos do desenvolvimento social e econômico da sociedade e se cristalizam a partir da ideologia do cotidiano e em retorno “[...] dão normalmente o tom a essa ideologia.” (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006 [1929], p. 123). Além disso, ratificamos que Bakhtin explica que esses dois grandes sistemas ideológicos se inter-relacionam no seu terreno comum:

Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006 [1929], p. 119).

Assim, entendemos que para Bakhtin (Volochnov) (2006[1929], p. 36), “a realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais”, ou seja, as leis que governam o real são as leis da comunicação semiótica constituídas por valores sociais, históricos, culturais, e é nisto, segundo o autor, que consiste a natureza dos signos ideológicos. É sob essa perspectiva que discutimos as postulações bakhtinianas sobre *a refração* como processo

necessariamente ideológico e constitutivo do signo. Numa realidade historicamente constituída, os signos, para Bakhtin (Volochínov) (2006 [1929]), refletem e refratam o real a partir de projeções sociais contrastantes e valorativamente construídas nas relações de classe. A refração, portanto, no âmbito do signo ideológico, implica no confronto de forças (centrípetas e centrífugas) que se entrecruzam na construção das diferentes relações interpessoais (e nos valores e posições legitimadas para os sujeitos) e nos sentidos diversos no uso da linguagem. Como afirma Bakhtin (Volochínov) (2006 [1929]),

Cada signo ideológico não é apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade [...]. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006 [1929], p. 35).

Em outras palavras, toda palavra é constituída por ideologias que não apenas refletem aspectos do real, como também refratam esses aspectos. Para Bakhtin (2008 [1963]), a refração é uma prática dialogicamente orientada, posto que, ao ser refratada, a palavra se constrói num espaço repleto de acentos outros, como se fossem peças constituintes da construção de seu sentido, “é como se dessa palavra inserida do outro se desprendessem círculos, abrindo sulcos sobre ela” (BAKHTIN, 2008 [1963], p. 239). A refração passa a ser compreendida como a confluência entre acentos de valor diversos. Assim esclarece o autor,

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou. [...] Que discurso domina numa determinada época e numa determinada corrente, quais as formas de refração da palavra que existem, *o que serve de meio de refração?* Todas essas questões são de importância primordial para o estudo do discurso [...]. (BAKHTIN, 2008 [1963], p. 233, grifos do autor).

Entendemos que a refração ideológica é uma isonomia de valores coexistentes, à medida que “interpretar o mundo implica em pensar todos os

seus conteúdos como simultâneos e atinar-lhes as inter-relações em um corte temporal” (BAKHTIN, 2008 [1963], p. 31). Dessa forma, como já dito, segundo o autor, onde se encontra o signo, encontra-se o ideológico; cada signo ideológico não apenas apresenta-se como um reflexo do real, mas também um fragmento desse real. Segundo Bakhtin,

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito a critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006[1929], p. 32).

Assim, compreendemos que os signos só podem existir nas relações sociais. No entanto, como visto, os signos não existem apenas como uma parte de uma realidade, eles também refletem e refratam uma outra. No dizer de Ponzio (2009), o signo, ao mesmo tempo em que representa a realidade, também a refrata, acrescentando-lhes índices de valor.

Como pontua Miotello (2007), *a perspectiva de trabalho do Círculo de Bakhtin sobre o conceito de ideologia* procura se distanciar de uma compreensão subjetiva ou internalizada (aquela que entende a ideologia como uma idéia presa à mente humana, vivendo na consciência individual do homem) ou de uma corrente idealista-psicologizada (ideologia como ideia já dada ao homem). Como esclarece Bakhtin (Volochínov) (2006 [1929]):

A filosofia idealista e a visão psicologista da cultura situam a ideologia na consciência. Afirmam que a ideologia é um fato de consciência e que o aspecto exterior do signo é simplesmente um revestimento, um meio técnico de realização do efeito interior, isto é, da compreensão. O idealismo e o psicologismo esquecem que a própria compreensão não pode manifestar-se senão através de um material semiótico (por exemplo, o discurso interior), que o signo se opõe ao signo, que *a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos.*

[...]

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela refletem sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a

consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada.

A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006 [1929], p. 33; 35-36. grifos do autor).

Bakhtin (Volochínov) (2006 [1929]) busca entender a ideologia na concretude dos acontecimentos (e não numa perspectiva idealista), isto é, materializada enunciativamente (posto que toda ideologia é semiotizada). Como afirma Miotello (2007, p. 168), “Bakhtin vai construir o conceito [de ideologia] no movimento, sempre se dando entre a instabilidade e a estabilidade e não na estabilização [...]”

A ideia de consciência como produto ideológico é também discutida por Bakhtin em *O Freudismo* (2004 [1924]). Bakhtin explica, por exemplo, que a relação entre o médico e seu paciente não se constitui como uma relação entre forças psíquicas, mas como resultado de forças ideológicas (a autoridade do médico *versus* as experiências emocionais do paciente). Na mesma obra, Bakhtin (2004 [1924], p. 87), assim sintetiza a relação entre psiquismo e ideologia:

Em realidade, entre o conteúdo do psiquismo individual e a ideologia enformada não há uma fronteira em termos de princípio. Em todo caso, o conteúdo do psiquismo individual não é nada mais compreensível nem mais claro que o conteúdo da criação cultural e por isso não lhe pode servir como explicação. Uma vivência individual conscientizada já é ideológica; por tal razão, do ponto de vista científico, ela não é, de maneira alguma, um dado primário e indecomponível; é já uma determinada elaboração ideológica do ser. (BAKHTIN, 2004 [1924], p. 87).

O que podemos perceber é que há uma resistência em se tratar a ideologia como mascaramento ou ocultamento do real, assim como algo dado ou recortado do real, pois Bakhtin (Volochínov) (2006[1929]) trata a ideologia a partir de uma posição, de uma projeção construída a partir das interpretações da realidade social. É a expressão de uma tomada de decisão, situada axiologicamente. Assim, é nesse jogo de estabilidades e instabilidades, que a

ideologia se constrói entrelaçadas em nossas relações sociais, em nossa compreensão do mundo e, por conseguinte, significando nossas interações.

Ponzio (2009) assim nos esclarece:

O termo "ideologia" que Bakhtin usa não se identifica completamente com "falsa consciência", com "pensamento distorcido", falso. Não se trata exatamente, de mistificação nem de automistificação ou falsificação socialmente determinada. O significado de ideologia para Bakhtin é, portanto, diferente do significado que esse termo adquire em Marx e Engels em seus escritos juvenis [...], nos quais o termo "ideologia" identifica-se com ou aproxima-se de "falsa consciência", certamente não no sentido de que possa servir como definição de ideologia burguesa e ao seu valor com relação ao conhecimento objetivo. (PONZIO, 2009, p. 114, grifos do autor).

A partir das discussões acima, podemos entender que a ideologia é um conceito central na obra do Círculo e que não corresponde a um produto de ordem internalizada, subjetiva, mas constitui-se na vida social, sendo a própria condição de existência da consciência e da linguagem.

Em conclusão, entendemos que a ideologia e sua expressão semiótica compreende o conjunto de reflexos e de interpretações da realidade, isto é, os diferentes modos de conceber e compreender o real, mediados por signos, "[...] à medida que a realidade determina o signo e o signo reflete e refrata a realidade em transformação." (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006[1929], p. 42). A ideologia para Bakhtin (Volochninov) (2006[1929]) é dialógica; semiotizada e perpassa todas as situações de interação social, posto que tudo o que é ideológico é semioticamente construído.

Os signos só emergem do processo de interação entre uma consciência individual e outra, isto é, nas relações intersubjetivas. E a própria consciência individual está repleta de signos. "A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social." (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006[1929], p. 33-34). Após a discussão sobre ideologia e dada as nossas considerações de ordem teórico-epistemológica, seguimos, nesse momento, para a seção da metodologia.

Pressupostos metodológicos

Na presente seção, buscamos apresentar o percurso metodológico desta investigação organizado a partir da (i) metodologia sociológica de análise da linguagem nos escritos do Círculo de Bakhtin; e da (ii) contextualização das revistas *Veja*, *IstoÉ* e *CartaCapital* as quais compõem o universo do *corpus* desta pesquisa.

A postura sociológica de análise da linguagem para o Círculo de Bakhtin

A metodologia sociológica de análise da língua em uso postuladas pelo Círculo de Bakhtin (BAKHTIN (VOLOCHINOV), 2006 [1929], p. 127), a qual esta pesquisa ancora-se, seguem as seguintes diretrizes:

1. As formas da língua e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza;
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, e, ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal;
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual.

Além das três etapas propostas para o estudo e análise da língua no plano do discurso e das relações dialógicas tomamos como subsídio a abordagem dialógica do Círculo de Bakhtin por esta compreender a língua em sua integridade concreta e viva sob o panorama da interação sociodiscursiva dos sujeitos interlocutores reais, e “não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN (VOLOCHINOV), 2006 [1929], p.127).

Em adição à metodologia apresentada pelo Círculo de Bakhtin, subsidiamos a presente pesquisa à luz da proposta de Rodrigues (2001), a respeito de análise dos gêneros do discurso a partir das dimensões social e verbal. Com relação à dimensão social do gênero, a autora aponta que analisemos a esfera social de produção, distribuição e circulação; a situação social de interação, constituída pela confluência entre os horizontes temporal,

espacial, temático e axiológico; a concepção de autoria e de interlocutor, entre outros aspectos constituintes e funcionais da construção social do gênero em estudo.

No que diz respeito à dimensão verbal, pontua que estudemos os estilos e as projeções dialógico-estilístico-composicionais; a arquitetônica e composicionalidade; a extensão/materialização textual entre demais instâncias enunciativo-discursivas do gênero selecionado para pesquisa. Além de Rodrigues, contemplamos a proposta de Rojo (2005) sobre as relações entre os elementos da situação de comunicação, as práticas de linguagem e gêneros do discurso, a qual afirma que,

[...] A ordem metodológica de análise que vai da situação social ou de enunciação para o gênero/enunciado/texto e, só então, para suas formas linguísticas relevantes [...]. Ao chegarmos nesse último nível de análise, vale a interpretação linguística habitual, isto é, as teorias e análises linguísticas disponíveis, desde que seguida a ordem metodológica que privilegia as instâncias sociais [...]. (ROJO, 2005, p. 199).

Corroborando essa postulação, Acosta-Pereira; Rodrigues (2010) ressaltam que a *metodologia da análise dialógica do discurso* procura compreender as regularidades enunciativo-discursivas que engendram e se engendram na constituição e no funcionamento dos gêneros, com o intuito de entender a relativa estabilização linguístico-enunciativa desse gênero. Com isso, essa postura metodológica objetiva “esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa “materialidade linguística”, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos.” (BRAIT, 2006, p. 13-14).

Concomitante ao pensamento de Bakhtin (2008 [1963], p. 209-210) acerca de que o estudo sistemático da língua e o estudo dialógico-discursivo devem contemplar-se mutuamente, mas nunca fundir-se, ratificamos que objetivamos nesta investigação realizar uma análise descritivo-interpretativista de como os elementos léxico-gramaticais da língua presentes no gênero jornalístico *notícia online* podem ser estudados e compreendidos sob a ótica destes pressupostos sociológicos de análise da língua vista no plano enunciativo-discursivo. Ao expormos a proposta apresentada pelo Círculo de Bakhtin e por interlocutores contemporâneos os quais procuram estudar, dentre outras questões, a língua desvinculada do panorama normativista e tradicional, passemos a contextualizar as revistas que compõem o universo do *corpus* de análise do trabalho.

Contextualização das revistas Veja, IstoÉ e CartaCapital

O universo desta investigação constitui-se de 15 (quinze) textos-enunciados do gênero jornalístico *notícia*, publicados nas revistas, em versões *online*, *Veja*, *IstoÉ* e *CartaCapital* datadas dos meses de fevereiro a junho de 2013. Haja vista esta consideração, partimos, neste momento para a contextualização de cada revista, e posteriormente, expomos a nossa justificativa para a escolha das revistas e das notícias

Revista Veja

Figura 1: Notícia *A receita de morte na UTI: 346 prescrições, 317 mortes imediatas* na *Veja*



Fonte: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/a-receita-da-morte-na-uti-346-prescricoes-317-mortes-imediatas>

A revista *Veja* foi criada em 1968, pelos jornalistas Victor Civita e Minor Carta. Apresenta uma circulação semanal, com uma tiragem impressa superior a um milhão de exemplares, tornando-se assim a revista de maior circulação no Brasil. Nos anos 90, a *Veja* alcançou a posição de revista informativa semanal de maior circulação nacional, vendendo mais de um milhão e duzentos mil exemplares. No “ranking” mundial, ela figura entre as quatro maiores neste segmento, atrás somente das americanas *Time*, *Newsweek* e *U.S. New and Word Report*. Em meados da década de 70, a revista foi responsável por iniciar uma tendência à padronização, ou seja, tinha-se a impressão de que os textos da revista haviam sido escritos, do início ao fim, pela mesma pessoa. A revista faz parte do grupo Abril que foi fundado em 1950 e é composto pelas seguintes empresas: Editora Abril (revistas), Editoras Ática e Scipione (livros escolares), TVA (TV paga, Internet banda larga e voz sobre IP - Voip) e MTV (TV segmentada).

*Revista IstoÉ*⁴

Figura 2: A notícia *A era franciscana* na IstoÉ

⁴ As informações sobre a revista *IstoÉ* foram extraídas de: SILVA, N. R. **O Gênero entrevista pingue-pongue: renúnciação, enquadramento e valoração do discurso do outro**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2009.



Fonte: http://www.istoe.com.br/reportagens/283327_A+ERA+FRANCISCANA

A *IstoÉ*, por sua vez, surgiu no cenário do jornalismo de revista em maio de 1976, quando o jornalista Mino Carta deixou a direção da revista *Veja* para participar da criação da revista *ISTOÉ*. A escolha do nome *ISTOÉ* chama bastante atenção do público leitor, pois é uma expressão afirmativa equivalente a 'ou seja', 'em resumo', e cujo título remete para a concepção de uma revista explicativa. Em seu primeiro ano, *ISTOÉ* teve publicações mensais, entretanto, já no ano seguinte, assumiu o posto de revista semanal, o que significa dizer que passou a concorrer no mercado editorial de revistas como a *Veja*. Atualmente, a revista é o "carro chefe" de um dos maiores grupos editoriais de revistas do Brasil, a Três Editorial Ltda, que publica, além da *ISTOÉ*, as revistas *ISTOÉ* Gente e *ISTOÉ* Dinheiro.

*Revista CartaCapital*⁵

Figura 3: A notícia *O deputado das trevas quer ser líder das minorias* na CartaCapital

⁵ As informações sobre a revista *Veja* foram extraídas de: SILVA, N. R. **O Gênero entrevista pingue-pongue**: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2009.



Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-deputado-das-trevas-quer-ser-lider-das-minorias/>

Por fim, a *CartaCapital* foi fundada em agosto de 1994 por Mino Carta, sendo uma publicação da Editora Confiança Ltda. A princípio, era uma revista mensal de política, economia e negócios, mas, logo em seu segundo aniversário (agosto 1996), passou a circular quinzenalmente, fornecendo aos leitores informações sobre variados assuntos e em menor intervalo de tempo. Em 2001, entendendo que as revistas semanais de informação tinham seu modelo esgotado em função da evolução dos meios de informação (Internet, jornais diários, programas de rádio, noticiários de televisão dos canais convencionais e por assinatura), a *CartaCapital* passou a incluir conteúdo de cultura e mudou sua periodicidade para semanal. A linha editorial baseia-se em quatro princípios básicos que definem sua postura e compromisso com os leitores: independência, coragem, espírito investigativo e confiabilidade. Esses princípios garantiram, em onze anos de existência, “um grande respeito por parte dos leitores, anunciantes e fornecedores”. Além disso, tendo como objetivo “informar com consistência, profundidade e análise de conteúdo, a revista passa a atrair o interesse de um público mais jovem, que busca entender melhor os assuntos ligados à política, economia e cultura”.

A partir destas informações, direcionamo-nos para a justificativa da escolha das revistas *online* com base em dados evidenciados nos *sites virtuais*

das revistas e nos estudos de Rohling da Silva (2009) e, por conseguinte, justificamos a opção das notícias utilizadas para a análise deste trabalho.

Assim sendo, conforme a seleção das respectivas revistas virtuais, esclarecemos que a escolha de ambas se justifica pelo fato delas reportarem assuntos relacionados à contemporaneidade como a política, economia, saúde, educação dentre outros temas; apresentarem uma representatividade jornalística em relação a outras revistas; possuírem acesso gratuito; assim como, são revistas que estão frequentemente sendo atualizadas.

As notícias, por sua vez, foram selecionadas tendo em vista as seguintes considerações: (i) apresentam uma grande relevância para a realização deste trabalho, uma vez que pesquisas atuais no campo da Linguística Aplicada têm buscando compreender, dentre outras questões, a *língua vista enquanto discurso* nas práticas sociais; (ii) possibilitam a análise da língua sob o panorama discursivo-dialógico dos escritos do Círculo de Bakhtin (iii) permitem estudarmos e compreendermos como os enunciados-discursos materializados nesse gênero são marcados por relações dialógicas e valorativas para a construção de sentidos sócio-históricos e ideológicos.

Haja vista o percurso teórico-metodológico desta investigação, passemos a contemplar, na seção seguinte, os resultados alcançados durante a pesquisa. Seguimos, então, para os resultados.

A introdução do discurso de outrem: o que dizem as vozes outras?

Na notícia, o autor da notícia enquadra a voz⁶ de outrem em seus enunciados para valorar, significar e apreciar pontos de vista ou visões de mundo. Os já-ditos, portanto, engendram diferentes sentidos no gênero⁷. São eles:

Os já-ditos de validação

⁶ Entendemos *voz*, sob a perspectiva bakhtiniana, como uma instância semântico-axiológica de dizer sobre/para o mundo (BAKHTIN, 2008 [1963]).

⁷ Aqui retomamos as discussões de Acosta-Pereira (2008) acerca do gênero *notícia*.

O movimento dialógico⁸ de validação ocorre quando o autor da notícia enquadra o discurso do outro para tornar válidos os argumentos discursivizados por ele na notícia (ACOSTA-PEREIRA, 2008). Nesse caso, os enunciados alheios são introduzidos na notícia por compartilhar, apresentar, defender a mesma visão (o mesmo ponto de vista) do autor sobre um objeto temático. Na maioria das vezes, a voz de outrem, que torna válidas as palavras do autor, é circunscrita por meio do uso de adjetivos, por estes demonstrarem a apreciação do autor frente ao assunto que é discursivizado. Vejamos:

Ex.: 01: Os dados obtidos por VEJA são a ponta de um iceberg que será explorado e esmiuçado em novo inquérito da delegacia especializada da Polícia Civil paranaense. "Temos material suficiente para fazer a denúncia em vários dos 21 casos. Mas, aprofundando as investigações, poderemos ouvir novas testemunhas e desvendar um a um. Analisaremos também os mais de 300 prontuários de morte. Não se pode dizer que todos são casos de homicídio, mas essa coincidência grande pode representar um modus operandi", afirma a promotora Fernanda Nagl Garcez, que coordena as investigações. (NVJ#02).

Ex. 02: O projeto de lei [...] prevê que o ser humano concebido, mas não nascido, tenha proteção jurídica e direitos garantidos — inclusive apoio financeiro do Estado em caso de gravidez resultante de violência sexual, o que vem sendo chamado de "bolsa estupro". O controverso projeto tem gerado discussões inflamadas de ambos os lados. [...] O ponto mais polêmico do Estatuto está no Artigo 13. Ele propõe que o esturador genitor seja identificado e responsável por pagar uma pensão alimentícia até a maioridade. "Quem propõe isso não sabe a dor que é passar por essa agressão. Quem passa por isso não vai querer nada daquela pessoa", afirma Carlinda, que é contra o aborto. Sua filha Cíntia pensa da mesma forma: "Eu não ia querer nada dele, não quero conhecê-lo, não quero vínculo". (NIÉ#06).

Ex. 03: A comunidade internacional começa a trabalhar para alcançar em 2015 um importante acordo para conter um máximo de 2°C de aumento na temperatura, um desafio colossal que alguns especialistas consideram uma "missão impossível". As questões são muitas e complexas, mas o objetivo é conter o aquecimento em 2°C acima dos níveis pré-industriais. "Em teoria, é possível", considera o climatologista Jean Jouzel, "mas parece muito difícil", diz ele. Com o aumento contínuo das emissões, a concentração de CO2 na atmosfera chegou recentemente a 400 ppm (partes por milhão), nível sem precedentes na história da humanidade. (NIÉ#08).

Ex. 04: A mudança causou estranhamento entre os professores e profissionais das áreas de História, Geografia e Ciências. Especialistas de disciplinas que ganharam mais -espaço no -novo currículo, como Língua Portuguesa e Matemática, também se manifestaram de maneira contrária à nova resolução. "Nós estranhamos muitíssimo. Até porque é uma modificação que atinge exatamente as escolas de tempo integral, que teriam -tempo em dobro para trabalhar essas questões", -observa Lisete Arelaro, diretora da -Faculdade de Educação da USP. (NCC#12).

As notícias acima confirmam as constatações acerca de que o autor apresenta o seu ponto de vista sobre um determinado assunto, e posteriormente enquadra valorativamente os enunciados de outrem a fim de

⁸ Usamos o termo *movimento dialógico* na mesma acepção que Rodrigues (2001; 2005).

validar o que ele enuncia. Para isso, introduz enunciados que compartilham as mesmas visões (ideológicas), posições axiológicas frente ao objeto temático.

Os já-ditos de avaliação

O movimento dialógico de avaliação é quando o autor incorpora outras vozes ao seu discurso a fim de avaliar o que ele reporta na notícia. Além disso, compreendemos que o autor constrói sua avaliação perante um fato se utilizando de recursos estilísticos como adjetivos e substantivos que projetem a avaliação intencionada. Vejamos nos excertos a seguir:

Ex. 05: O ponto mais polêmico do Estatuto está no Artigo 13. Ele propõe que o estuproador genitor seja identificado e responsável por pagar uma pensão alimentícia até a maioridade. "Quem propõe isso não sabe a dor que é passar por essa agressão. Quem passa por isso não vai querer nada daquela pessoa", afirma Carlinda, que é contra o aborto. Sua filha Cíntia pensa da mesma forma: "Eu não ia querer nada dele, não quero conhecê-lo, não quero vínculo". Se o agressor não for encontrado, o Estado assume essa incumbência, por isso está sendo chamado de "bolsa estupro". (NIÉ#06).

Ex. 06: A "cidade maravilhosa" tem uma agenda inédita. Ela se prepara para acolher três partidas da Copa das Confederações (15 a 30 de junho), inclusive a grande final no novo Maracanã. Em seguida, recebe a Jornada Mundial da Juventude católica, que contará com a presença do Papa, no final de julho. Em 2014, será a vez da Copa do Mundo e, em 2016, dos Jogos Olímpicos. O Rio é hoje a terceira cidade com os hotéis mais caros do mundo. (NIÉ#07).

Ex. 07: Bergoglio também participou de uma confraternização na Casa de Santa Marta na quarta-feira à noite. [...] Durante o brinde, teria dito, em tom de brincadeira, segundo o porta-voz Frederico Lombardi: "Que Deus os perdoe pelo que fizeram." Por enquanto, o rebanho parece ter ficado bastante satisfeito com a escolha. (NIÉ#10).

Ex. 08: Andam enxugando redações, fechando revistas, encolhendo jornais e os pobres jornalistas estão todos indo pro olho da rua. (NCC#14).

Os exemplos expostos ratificam que ao construir uma avaliação diante de uma informação, o autor da notícia incorpora outros discursos em sua fala para avaliar o seu ponto de vista. Além disso, para demonstrar sua posição avaliativa perante o que é noticiado, o autor engendra em seu discurso marcas adjetivas e substantivas. Na notícia NIÉ#06, ao se referir aos pais das crianças as quais nasceram do estupro o autor recorre ao uso das expressões "o estuproador genitor" e incorpora o discurso precedido pelo uso das aspas "bolsa estupro" para avaliar uma espécie de benefício por parte do agressor.

Na notícia NIÉ#07, o autor incorpora a voz do outro, "*cidade maravilhosa*" para se referir à cidade do Rio de Janeiro como sendo a mais assediada para receber as Copas das Confederações, a Jornada Mundial da Juventude católica que terá a ilustre presença do papa, a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, e por essa questão, é tida como a terceira cidade com as maiores tarifas de hotéis.

Em relação à notícia NIÉ#10, o autor introduz o discurso do outro por meio do uso das aspas "*Que Deus os perdoe pelo que fizeram*" para se referir àqueles que escolheram o papa para conduzir a igreja católica. Em seguida, recorre ao uso das expressões "*o rebanho*", "*bastante satisfeito*" e "*a escolha*" com vistas a avaliar a satisfação dos fiéis (rebanho) diante da escolha.

Na NCC#14, por sua vez, o autor utiliza "*pobres jornalistas*" para avaliar aqueles cuja profissão está desaparecendo. Neste caso, o uso do adjetivo "pobre" é uma expressão que marca explicitamente a avaliação do autor frente ao que ele diz sobre o possível fim da profissão de jornalista.

Os já-ditos de concordância

O movimento dialógico de concordância é quando, o autor para marcar o seu posicionamento de forma convergente diante de um fato que está sendo noticiado, ele traz para a notícia argumentos que demarcam sua posição de consentimento. Assim, ao construir uma reação de concordância frente à informação enunciada, o autor recorre a posições avaliativas que o direcionam a concordar com algo que está sendo discursivizado na notícia. Além disso, em alguns momentos enquadra a voz do outro por este também apresentar um posicionamento de aceitação perante um fato. Vejamos esse movimento por meio dos excertos seguintes:

Ex. 09: Na última sexta-feira, a Polícia Científica do Paraná concluiu uma análise eletrônica no material apreendido no Hospital Evangélico de Curitiba. [...] A mortalidade é atípica mesmo quando comparada dentro da mesma unidade de saúde. Em 128 prescrições por outros médicos, no mesmo período, só houve 17 mortes, ou seja, mortalidade de 13,2%. (NVJ#02).

Ex. 10: Não que seu antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva, fosse um exímio adepto da ortodoxia econômica. Contudo, ao menos em relação às ferramentas de controle inflacionário e à independência do Banco Central, Lula mantinha um comportamento adequado. (NVJ#03).

Ex. 11: Na noite mais tensa dos trinta meses de mandato de Dilma Rousseff na Presidência da República, 1 milhão de pessoas em uma centena de cidades brasileiras estavam nas ruas. Foi a

maior manifestação popular desde o movimento Diretas Já. E o PT, o partido de Dilma e de seu antecessor, não tinha nenhum controle sobre ela. (NVJ#05).

Ex. 12: A comunidade internacional começa a trabalhar para alcançar em 2015 [...] um desafio colossal que alguns especialistas consideram uma "missão impossível". Para o embaixador de Seychelles, Ronald Jumeau, cujo país é um dos muitos Estados insulares ameaçados pelo aumento do nível do mar, e que defende um objetivo de 1,5°C, uma ambição revisada para baixo "sacrificará os mais vulneráveis".

"Os negociadores das pequenas ilhas teriam, então, que voltar a seus países e comprar barcos salva-vidas", comentou o embaixador. (NIÉ#08).

Ex. 13: Bergoglio é, acima de tudo, um pastor amado por seus fiéis, como disse o jornal "L'Osservatore Romano" [...] um jesuíta de grande espiritualidade e espírito ascético, sem ambições pessoais, alérgico a autorreferências e adepto da colaboração e da colegialidade. (NIÉ#10).

Para construir um discurso marcado por um posicionamento de concordância perante uma informação, o autor da notícia recorre ao uso de enunciados que demonstram essa posição de aceitação. Na notícia NVJ#02, o autor frente aos altos índices de mortalidade ocorrido no hospital do Paraná, concorda que esta é uma situação atípica mesmo quando comparado dentro da mesma unidade de saúde.

Na notícia NVJ#03, notamos que o autor demonstra uma posição de concordância ao governo de Lula por este ter mostrado um comportamento adequado em relação às ferramentas de controle inflacionário e à independência do Banco Central, diferentemente da presidente Dilma. Quanto à notícia NVJ#05, percebemos que o autor ao noticiar o dia em que manifestantes se reuniram em frente ao congresso para protestar contra a corrupção, a PEC 37 e os gastos na Copa concorda que esta manifestação popular foi a maior desde o movimento das Diretas Já.

Em NIÉ#08, vemos que o autor ao apresentar o seu ponto de vista frente ao objetivo de conter o aquecimento global a 2°C até 2015 acredita que este é um desafio colossal, e, portanto concorda com alguns especialistas que enxergam esse objetivo como uma missão impossível e com o embaixador que diz que esse desafio sacrificará os mais vulneráveis.

Na notícia NIÉ#10, por sua vez, observamos que o autor ao argumentar sobre a escolha do novo papado apresenta um consentimento perante o que o jornal "L'Osservatore Romano" diz acerca de Francisco. Nesse caso, concorda que o papa é um pastor amado por seus fiéis e um jesuíta de grande

espiritualidade e espírito ascético, sem ambições pessoais, alérgico a autorreferências e adepto da colaboração e da colegialidade.

Portanto, no movimento dialógico de concordância os enunciados de outrem demarcam a aceitabilidade do outro diante de um argumento, bem como constrói um sentido de compartilhamento, pois ambos – o autor e o outro- partilham a mesma posição.

Os já-ditos de discordância

Por movimento dialógico de discordância, compreendemos que é quando o autor, ao construir o seu discurso, incorpora contra-argumentos na notícia que denotam valorativamente uma posição contrária aos fatos enunciados. Em alguns casos, o autor também introduz a voz de outrem em seus enunciados por este apresentar um ponto de vista discordante frente a uma informação.

Vejamos:

Ex. 14: Porta de entrada do turismo no Brasil, com sua bela baía, suas praias, o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor, o Rio de Janeiro está no epicentro de grandes eventos que vão ditar a vida do Brasil nos próximos três anos. Mas uma consequência não é tão agradável para turistas e, sobretudo, para cariocas: a incrível escalada dos preços. (NIÉ#07).

Ex. 15: Feliciano [...] é o favorito para assumir a liderança do grupo. A escolha [...] causou arrepios nos grupos de defesa dos direitos humanos. As críticas são lideradas até aqui pelo deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ) [...] que viu a escolha como uma forma de "barrar a extensão da cidadania plena às minorias". "O PT ter aberto mão da CDHM é sintoma de um pendor do partido para o conservadorismo e a manutenção de poder que é irreversível", escreveu. (NCC#11).

Ex. 16: Mr. Fizz poderia encontrar seus amigos, Srta. Picos de Insulina e Sr. Pré-Diabético, e eles poderiam comer donuts gigantes, assim ilustrando a tese da Coca-Cola (enunciada em seu recente comercial "Chegando Juntos") de que o importante são as calorias totais, e não apenas as bebidas gasosas. No espírito do serviço público, vou oferecer a Mr. Fizz e amigos de graça, na esperança de que a Coca-Cola possa atingir suas metas. Chapéus ao ar! Trabalho concluído! Mas, infelizmente, não na verdade. No que diz respeito à obesidade global, como pode uma empresa que vende um dos fatores contribuintes mais importantes jamais fazer parte da solução? (NCC#13).

Percebemos que, na notícia o autor constrói um sentido de discordância por meio de contra argumentos e do discurso do outro. Na notícia NIÉ#07, o autor apresenta os pontos de referência da cidade do Rio de Janeiro como porta de entrada para receber os grandes eventos que irão ocorrer no país nos próximos três anos. Posteriormente, demonstra um posicionamento contrário

frente aos altos preços como consequência para o bolso dos turistas, por meio da expressão “*mas*”.

Na notícia NCC#11, analisamos que o autor apresentar informações que demonstram seu posicionamento de discordância diante da escolha de alguns deputados em colocar Marco Feliciano para assumir a liderança do Partido Social Cristão e ser líder do grupo. Para confirmar essa discordância, a fala de deputado Jean Wyllys é introduzida no discurso do autor por posicionar-se também de maneira contrária a essa escolha. Em NCC#13, ao mostrar-se contrário a atitude da Coca-Cola em querer contribuir para o emagrecimento de pessoas que consomem o seu produto, o autor recorre ao contra-argumento “*mas*” como uma forma de discordar de tal atitude, uma vez que se trata de uma meta inalcançável. Neste caso, para construir um sentido de discordância o autor coloca a expressão “*mas, infelizmente, não na verdade*”.

As relações dialógico-valorativas empreendidas pela introdução do enunciado de outrem em notícias nos conduz a entender que todo objeto do discurso, tematizado em gêneros diversos, como no caso, a notícia, é sempre engendrado por posições axiológicas várias. Em outras palavras, com a análise realizada em torno da reenunciação dos já-ditos, podemos entender que,

[...] entre o discurso e o [seu] objeto [...] interpõem-se um meio flexível, frequentemente difícil de ser penetrado, de discursos de outrem, de discursos “alheios” sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo tema. [...] Todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 86, grifo do autor)

Além disso, a orientação para com o enunciado do outro constitui-se de uma reacentuação (ACOSTA-PEREIRA, 2008; 2012) que, a serviço do projeto discurso do autor, engendra avaliações plurais sobre o objeto discursivizado.

Em nossa presente pesquisa, as avaliações se constituíram como projetos de validação, avaliação, concordância e discordância, ratificando que, como afirma Medviédev (2012 [1928], p. 183-184), “[...] aquele elemento que reúne a presença material da palavra com o seu sentido [...] supomos [...] seja a avaliação social. Ela determina a escolha do conteúdo e da forma, bem como a ligação entre eles.” Ao fim, objetivamos, com a análise da introdução do enunciado de outrem em notícias online, compreender, por assim dizer, “a atmosfera social do discurso que envolve o objeto e faz brilhar as facetas de sua imagem.” (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 87)

Em torno do discurso citado: o que nossa análise também nos diz?

Bakhtin (Volochínov) (2006[1929]), na 3ª parte de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, pontuam diversas reflexões em torno da análise das formas da língua, em especial, acerca do que chamaram “análise sintática do discurso” (p. 146). Inicialmente, a partir da observação de que as tradições linguísticas da sua época só focalizavam a fonética e a morfologia, especialmente os estudos do final do século XIX e início do século XX, Bakhtin (Volochínov) (2006[1929]) afirmam que, de fato, são as formas sintáticas as formas linguísticas que mais se aproximam das realizações concretas da enunciação. Os autores ainda pontuam que “[...] um estudo fecundo das formas sintáticas só é possível no quadro da elaboração de uma teoria da enunciação. [...] A elucidação dos problemas mais elementares da sintaxe só é possível, também, sobre a base da comunicação verbal.” (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006 [1929], p 146-148). Ao final, esclarecem, os autores, o caminho argumentativo e analítico a ser empreendido nessa 3ª parte da obra: *a análise do discurso de outrem*. Na voz dos autores,

Os capítulos seguintes do nosso estudo são precisamente consagrados a um problema específico de sintaxe. [...] Acreditamos que um fenômeno assim altamente produtivo, “nodal” mesmo, é o do discurso citado, isto é, os esquemas linguísticos (discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre), as modificações desses esquemas e as variantes dessas modificações [...]. Dotar de uma orientação sociológica o fenômeno de transmissão da palavra de outrem, tal é o

problema a que nos vamos consagrar agora. Através desses problemas, tentaremos traçar os caminhos do método sociológico em linguística. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006 [1929], p. 149, grifo do autor).

Vamos, portanto, neste momento, procurar compreender as orientações do método sociológico à luz da análise das formas linguísticas do discurso citado em consórcio com nossa análise previamente apresentada. Bakhtin (Volochínov) (2006 [1929]), ao tratar do discurso de outrem, estão, de fato, à procura da compreensão da reação-responsiva “da palavra à palavra” (p. 150), ou seja, à busca de entender como o discurso do outro infiltra-se no discurso do autor (sujeito- autor, o falante), engendrando regras sintáticas, estilísticas e composicionais próprias e integradas aos propósitos da situação de interação, conduzindo-nos ao entendimento da tese defendida em toda obra em questão de que “[...] a unidade real da língua que é realizada na fala não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo.” (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006 [1929], p. 152).

Sob esse horizonte, os autores explicam que as formas linguísticas agenciadas para o enquadramento e reenunciação do discurso do outro não são aleatórias ou vazias de significação social, mas, por outro lado, sofrem as tendências sociais estáveis das situações das quais fazem parte. Em outras palavras, as formas linguísticas agenciadas para a introdução do discurso de outrem, no intercurso discursivo são saturadas pelas forças sociais organizadas na interlocução.

Em termos metodológicos, os autores ainda esclarecem que, o verdadeiro objetivo de uma pesquisa de cunho sociológico deveria ser a interação dinâmica do discurso com o discurso de outrem, entendendo que “essa dinâmica, por sua vez, reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal.” (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006 [1929], p. 154). Em suma, integrar o estudo do discurso ao contexto no qual o discurso se realiza.

Em termos de análise linguística, os autores pontuam, inicialmente, duas orientações de estudo da dinâmica entre o discurso narrativo e o discurso

citado. Segundo Bakhtin (Volochínov) (2006 [1929], p. 155-157), a língua pode (i) “esforçar-se por delimitar o discurso citado” e (ii) “elabor[ar] meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem.”. Esquemáticamente, poderíamos assim compreender:

- (1) Enquadramento e reenuniação do discurso de outrem de estilo linear: “A língua pode esforçar-se por delimitar o discurso citado com fronteiras nítidas e estáveis. Nesse caso, os esquemas linguísticos e suas variantes têm a função de isolar mais clara e mais estritamente o discurso citado, de protegê-lo de infiltração pelas entoações próprias ao autor, de simplificar e consolidar suas características linguísticas individuais.” [...] (2) Enquadramento e reenuniação do discurso de outrem de estilo pictórico: “A língua elabora meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem [...]. Sua tendência é atenuar os contornos exteriores nítidos da palavra de outrem.” (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006 [1929], p. 155-157).

O que a breve síntese nos possibilita observar é como a análise das formas da língua, à luz da orientação sociológica, nos conduz a compreender o agenciamento de recursos linguísticos à luz da potencialidade semântica integrada à situação de interação. Dito de outra forma, a orientação sociológica de análise da língua delineada pelo Círculo, nos conduz, dentre outras questões, a entender que todo uso da língua é situado e, portanto, “as expressões, as particularidades estilísticas do discurso, a coloração lexical, etc., são distintamente percebidas e têm significação social.” (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2006 [1929], p. 155). Em outra discussão, Bakhtin (2013), explica que não podemos estudar as formas gramaticais sem considerarmos sua elucidação estilística. Nessa discussão, Bakhtin traz uma reflexão acerca das formas linguísticas e a orientação para, o que o autor, denomina *elucidação estilística*, o que podemos compreender como um olhar situado para as formas gramaticais, explicação que converge com a análise empreendida no texto de 1929, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*.

Dessa forma, a análise proposta pelos autores, na 3ª parte de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e as considerações acerca da elucidação estilística, em *Questões de estilística no ensino da língua*, projetam um quadro analítico

condizente com os pressupostos teórico-conceituais e metodológicos concebidos sob o matiz da língua como objeto social, e engendram-se em relações dialógicas com as demais obras no conjunto dos escritos do Círculo, conforme conduzimos nas seções prévias deste presente estudo.

Considerações finais

Como explica Bakhtin (1998 [1975], p. 106, grifo do autor), “[...] o diálogo social ressoa no seu próprio discurso, em todos os seus elementos, sejam eles de “conteúdo” ou de “forma”.” E conforme explicita Medviédev (2012 [1928], p. 189), “A avaliação é social e organiza a comunicação.” Compartilhando com Bakhtin e o Círculo das ideias de que todo discurso é povoado por vozes sociais e históricas, e, por conseguinte, avaliativas, é que empreendemos na presente pesquisa a análise da reenunciação do discurso de outrem no gênero notícia publicado em revistas *online*.

Com a análise descritivo-interpretativista dos já-ditos nas notícias de três revistas em suas versões virtuais, pudemos ratificar a posição do Círculo acerca da dialogicidade interna de todo discurso, assim como da avaliação/valoração como presença viva em todo uso da linguagem. Seja em torno dos já-ditos de validação, de avaliação, de concordância, seja de discordância, buscamos, na breve análise empreendida, corroborar com a postura do Círculo de que a concepção do seu objeto, por parte do discurso, é um ato sempre dialógico e, sobretudo, avaliativo. Portanto, “[...] o discurso [só] pode dar forma a sua imagem e ao seu tom estilístico [no] processo dialógico.” (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 87).

Referências

ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo. *O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda*. Tese (Doutorado em Linguística). UFSC, PGLg, Florianópolis-SC, 2012.

_____. *O gênero jornalístico notícia: dialogismo e valorização*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFSC, PGLg, Florianópolis-SC, 2008.

ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo; RODRIGUES, Rosângela Hammes. O conceito de valorização nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.

_____. Os gêneros do discurso sob a perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. *Revista Letras*, Santa Maria: UFSM, v.20,n.42,p.147-162,jan/jun,2010.

_____. Perspectivas atuais sobre gêneros do discurso no campo da Linguística. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna*, 2009.

BAKHTIN, Mikhailovitch Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 4ª ed. São Paulo: UNESP; Hucitec, 1998 [1975].

_____. *Estética da Criação Verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

_____. *O Freudismo: um esboço crítico*. Trad. Do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2004 [1924].

_____. (VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevitch). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1963].

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1963].

BAKHTIN, Mikhailovitch Mikhail. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; apresentação de Beth Brait; organização e notas da edição russa de Serguei Botcharov e Liudmila Gogotichvíli. São Paulo: Editora 34, 2013.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-33.

MEDVIÉDEV, Pavel Nikolaevitch. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução do russo por Ekaterina Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana*. São Paulo: Contexto, 2009.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. *A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

_____. Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem: A Abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROJO, Roxane. Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.

SILVA, Nívea. Rohling da. *O Gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2009.